

tra - MG, onde há uma instituição de amparo que leva seu nome.

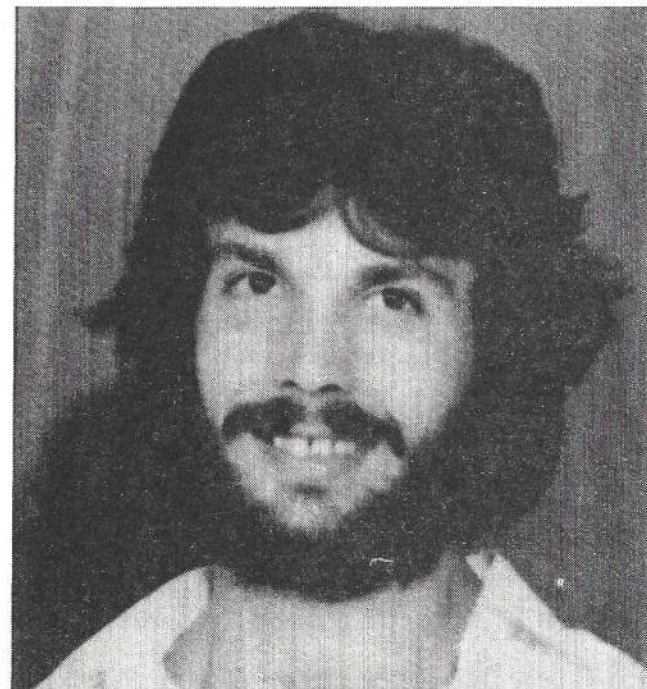
Desencarnou em 1934, aos 57 anos.

- 10) Washington Duarte Andries Filho - primo de Alceu, filho do casal Washington - Penha.
- 11) "... a máquina..." - refere-se à moto que dirigia quando do acidente.

DIMAS LUIZ ZORNETTA

19.04.58 - São Carlos - SP

08.01.84 - São Carlos - SP



Cioso das suas obrigações, sempre exerceu com dedicação sua profissão de marceneiro, cuja formação obteve no SENAI.

Casou ainda jovem com a sra. Maria Benedita Claudino. Não teve filhos.

Deixa-nos em suas mensagens psicografadas por Chico Xavier a certeza de que o livre arbítrio é inviolável, e cada espírito tem de buscar o seu próprio caminho rumo da Espiritualidade Maior.

DEPOIMENTO

Trabalhei muito para que nada faltasse aos meus três filhos.

Quando tudo caminhava muito bem, aconteceu o inesperado. Primeiro o desencarne do filho mais velho e, alguns meses após, novo abalo em minha vida, com o desencarne do segundo filho.

O desespero me dominou, não havia mais lugar no mundo para mim.

Através de uma amiga, conheci o sr. Osvaldo Caetano, espírita militante, médium bondoso, amigo dedicado, que me levou a Uberaba, apresentando-me a Chico Xavier.

Na noite de 07 de setembro de 1984, recebi duas maravilhosas mensagens dos meus filhos desencarnados, que estão mais vivos agora.

Agradeço a Deus por proporcionar momentos tão maravilhosos, que não acreditava mais existir.

Chico querido, obrigada por tudo, obrigada pela imensa alegria que você proporcionou a mim e ao meu filho Valdo. Deus o abençoe por tantas palavras bonitas de conforto.

Talvez eu não tivesse conseguido sobreviver à dor, se não conhecesse este homem que se chama Francisco Cândido Xavier.

Lourdes Formenton

Genitora de Dimas e de Domingos, jovens que apresentamos neste e no capítulo seguinte.

Querida mamãe Lourdes, peço-lhe a bênção.

Vejo a senhora com o nosso Valdo¹ neste recinto de paz, mas não consigo enxergar as pessoas que nos cercam. Sei que dois amigos me trazem até aqui, mas ignoro quem sejam.

Mamãe, seu filho pede perdão pelo que fez, conquanto saiba que agiu sob a pressão de inimigos invisíveis que lhe golpearam a mente. Eu não queria, mãe, não queria cometer aquele ato impensado, mas uma vontade muito forte me absorvia e parece-me que fui um simples autômato para aquele ou aqueles que me indicavam o suicídio como sendo o melhor a fazer.

Tinha um monte de desculpas dentro de mim. Saudades de meu irmão Domingos², as dificuldades da vida e a luta constante por melhorar-me, sem poder fazer isso. Andei por diversas ruas, pedi o socorro de Jesus por toda parte, mas aquelas mãos enormes e duras pesavam nas minhas. Sei que não tenho desculpas e que devo assumir os meus próprios atos, mas a senhora não imagina como sofro...

Por vezes, via o meu pai Abílio³ de relance, como a solicitar-me juízo e calma, entretanto, as outras vozes eram mais poderosas e mais fortes.

No dia sete tomei alguns tragos para ganhar coragem, sem saber o que oferecia aos meus infelizes agressores e no dia oito, pela manhã, já me achava transformado.

A nossa Maria⁴ me pedia paciência. Aleguei dor de cabeça e mal-estar. Ela arranhou algumas gotas de um calmante cujo nome não me lembro, mas recusei aquele auxílio, abrindo a camisa e mostrando-lhe a arma que eu trazia no cinturão. A esposa não acreditou que eu fosse capaz do gesto desesperado, mas sem esperar que ela viesse impedir-me os movimentos, levei a arma à altura da cabeça e acionei o gatilho. Ela gritou e eu, a esgotar-me na perda de forças, lembrei-me, de repente, dos seus sacrifícios de mãe por nós. Entretanto, não tive tempo de recuar do mal que fizera a mim mesmo.

Amigos chegaram atendendo aos gritos de Maria e correram comigo para o hospital.

No entanto ainda ouvi o médico, se não me enganou o Dr. Pedro⁵, a dizer: “é tudo inútil”. Compreendi que a hora havia chegado e pedi socorro ao irmão Domingos e a meu pai Abílio, mas em vão... Os lamentos de quantos me rodeavam desapareceram de meus ouvidos e me vi sozinho, num pesadelo terrível, em que tentava, debalde, retomar o meu corpo sem vida; e nesse pesadelo estive muitas semanas, até que escutei vozes amigas a me convidarem para segui-las na direção do socorro de urgência. Eu estava cego e deixei-me conduzir para tratamento. Nesse tratamento estou, e, hoje, essas vozes me convidaram a vir vê-la. Como se estivesse beneficiado por um prodígio que não sei esclarecer, vi a senhora com o nosso Demevaldo. E chorei, arrependido por tudo o que fiz, irrefletidamente.

Querida mãezinha Lourdes, perdoe-me - a mim que caí num sofrimento assim tão grande! Fito a sua face e a esperança me retoma o coração.

Lembro-me de seus dias de aflição em nossa casa e envergonho-me de pedir-lhe per-

dão e bondade que não fiz por merecer.

Mamãe Lourdes, dê-me as suas orações de paz e diga que me desculpa. Farei o possível para retomar-me do sofrimento em que ainda me encontro, a fim de lhe ser útil e à nossa Maria. Sei que Deus nunca se empobrece de compaixão. Quanto mais infeliz está o homem, mais ampla se faz a bondade do Pai Celestial. Ele me levantará por dentro de mim e concederá forças para ser seu filho outra vez, porque presentemente sou um trapo de dor e arrependimento.

Querida mãezinha Lourdes e querido Valdo, Deus nos proteja! É tudo o que por agora posso rogar em minha condição de penúria espiritual, mas mesmo nessa penúria, querida mãe, sinto-me ainda seu filho e conto com o seu perdão para a minha falta... Não posso escrever mais.

Querida mãe Lourdes receba as lágrimas que me ficam por dentro da própria alma, incapaz que me sinto de prosseguir escrevendo e lembre-se de que seu filho espera, do seu amor, tudo aquilo que hoje não mais tem.

Todo o carinho com as saudades imensas
do seu filho

Dimas

Dimas Luiz Zornetta
07.09.84

ELUCIDAÇÕES

- 1) Demevaldo Zornetta - Irmão mais novo.
- 2) Domingos Donizetti Zornetta - Irmão mais velho, desencarnado em 14.08.83. Fato interessante esta passagem, pois Dimas foi trazido à reunião pelo seu irmão, conforme podemos observar na mensagem.
- 3) Abílio Zornetta - Pai. Desencarnado em 24.06.78.
- 4) Maria B. Claudino Zornetta - Esposa.
- 5) Dr. Pedro Kamimura - Médico neurocirurgião, que prestou os socorros a Dimas.

Querida Mãezinha Lourdes, aqui é o seu Dimas Luiz quem escreve.

Estou sensibilizado e reconhecido por sua compreensão e receptividade. Digo assim, porque o seu coração tem atendido a todas as minhas solicitações, qual se conversássemos frente a frente.

Não posso esquecer que, apesar dos infelizes irmãos que se fizeram obsessores de minha vida, voltei para cá na posição de um suicida desventurado, requisitando a compaixão geral para reconstituir a minha tranqüilidade possível no ambiente de estranhos recursos que havia criado para mim próprio. Faz precisamente um ano que lhe dei minhas notícias e penso haver pacificado a sua alma querida com as minhas palavras.

Agora, posso dizer-lhe que, entrando na Vida Espiritual com a minha cabeça desequilibrada, demorei seis meses em tratamento constante para compreender que me achava sob o amparo de meu tio Luiz¹, do meu pai Abílio e do meu irmão Domingos.

Não posso dizer que sofri tanto quanto me cabia esperar sofrer com as conseqüências de meu ato impensado, pois via os meus parentes e benfeitores, qual se estivessem recobertos por uma neblina que a minha capacidade visual não atravessava. Depois de seis meses, os meus olhos foram restaurados e vi não só a Mãezinha Lourdes, o meu irmão Demevaldo pela primeira vez, conscientemente, mas também pude visitar a esposa que deixei sozinha e desolada, a nossa Maria Benedita Claudino.

Junto de cada um experimentava a alegria tisonada pelo remorso, no entanto, o meu pai Abílio obteve a minha entrada numa escola da Espiritualidade. Ali me reencontrei na condição de um aluno, cercado de exercícios e deveres. Quando lhe enviei as minhas notícias, em sete de setembro passado², já me situava nesse instituto de ensino. Aí aprendemos lições sobre amor e paciência, humildade e coragem, fé e serviço ao próximo, discernimento e equilíbrio, caridade e elevação.

As matérias professadas são muitas. O Domingos sempre colaborando para que eu não me amedrontasse com o curso que, aliás, ainda é o meu ponto de trabalho até hoje.

Chegou o momento de voltar ao nosso ambiente terrestre, para que eu, qual acontecia com outros aprendizes, encontrasse o meu teste que os professores consideravam principal. Já me havia manifestado para o seu carinho de mãe, juntamente do Valdo, e me sentia aliviado no arrependimento pesado que trazia a refazer na memória a dolorosa cena de minha despedida, com a arma a me golpear o corpo, manejada por minhas próprias mãos.

Ignorava os motivos, mas o teste, segundo informações de meu pai Abílio, ia se realizar junto de minha esposa. Até então, tudo estava claro em meu espírito, com a expectativa de que me sairia bem. Já havia visitado a nossa Maria por duas vezes, em meu primeiro ano de existência no plano espiritual, e nesse dia do teste, regressaria à nossa casa pela terceira vez. O papai Abílio e o tio Luiz me acompanhavam.

Atingimos a casa, numa noite de serenidade em todo o ambiente. A Luz brilhava sobre a cidade com uma beleza que era nova para mim, pois começava a me reconhecer longe de qualquer problema. Alcançamos a residência e notei que, embora sem novo casamento, aquela mesma criatura que continuava aceitando por minha esposa permanecia com outro homem, dentro de nosso quarto. Trocavam palavras de amor e de confiança no futuro e, sem necessidade de muita observação, percebi que Maria estava sendo iniciada em nova gravidez.

Senti um choque balançar-me os escaninhos da alma, como se o homem forte que eu fora estivesse renascendo em mim para exigir direitos que não me cabiam mais.

As lágrimas de revolta e tristeza me banhavam o rosto, quando meu pai me perguntou pelos meus novos sentimentos. Vi o rival, descontraindo e contente, e me lembrei das aulas que freqüentava.

As palavras do professor de compreensão e tolerância ressoavam dentro de mim e come-

cei a raciocinar. Acaso poderia eu, que abandonara o lar, exigir qualquer fidelidade da companheira de quem não sentira piedade?

Seria justo ferir-lhe os anseios de mulher ainda moça com qualquer recriminação? Como procederia eu em situação idêntica à situação que eu mesmo com o suicídio a colocara? Seria razoável, porventura, que ela permanecesse sozinha por minha causa? Quantas noites teria atravessado, chorando a minha perda?

Quanta solidão sofrera, receando a loucura, até que aceitasse o convite daquele desconhecido para modificar a própria existência? Tudo isso pensei numa reduzida fração de tempo.

Então respondi a meu pai que eu sofria compreendendo que não podia cometer essa injustiça, reprovando a companheira que havia posto confiança total em mim e na minha palavra de esposo fracassado e que, por isso, estava disposto a reparar o meu erro e auxiliá-la.

Meu pai me abraçou enxugando as lágrimas que me corriam na face e expediu telepaticamente para o instituto a que me referi a

notícia de que eu vencera no teste.

Felicitaram-me os dois benfeitores e pedi que me conduzissem à sua presença de mãe. A senhora descansava, pensando na vida e lhe pedi cooperação para ser útil à ex-esposa que resolvera tomar outro caminho. Com surpresa, notei que os meus pensamentos sintonizavam com os seus e, sem que me visse com os seus olhos materiais, a senhora prometeu a si mesma que visitaria a antiga nora, encorajando-a a abraçar a criança nascitura em novo estímulo para a vida. E daí por diante, mamãe Lourdes, encontrei-a por diversas vezes junto de Maria, dizendo-lhe que a criança decerto era aquela de que eu teria sido pai se estivesse no mundo. E a senhora e eu abraçamos a pequenina que é a nossa Michele³ de hoje, com talvez dois meses de idade. Agradeço-lhe o que fez e continua fazendo por mim.

Mãezinha, estou melhorando. Muito grato por sua abnegação.

Continue, por favor, considerando Maria Benedita, por sua filha porque ela bem o

merece, naquilo que eu mesmo, seu filho, não fiz por merecer.

Peço-lhe dar as nossas notícias ao nosso Demevaldo. Ele ficará surpreso, mas satisfeito. Explique a meu irmão que aprendemos aqui a estudar e entender as lições que evitam o mal; entretanto, se alguém cai nesse mesmo mal que precisamos evitar, a compreensão deve ser exercitada por nós, com a sinceridade que devemos aos compromissos espirituais.

Perdoe-me haver escrito tanto, mas presenciei esta reunião em sua companhia e observei que o perdão era o tema principal e ninguém existe mais necessitado de perdão do que eu mesmo.

Querida Mãezinha Lourdes, o papai Abílio e a minha querida bisavó Hermínia Maria⁴ lhe deixam carinhosas saudações. E eu que nada possuo de bom para oferecer-lhe, peço-lhe receber a renovação do seu filho, com as minhas esperanças de melhorar o meu próprio caminho.

Com todo amor, deponho em suas mãos

o coração de seu filho reconhecido.

Dimas Luiz Zornetta
07.09.85

ELUCIDAÇÕES

- 1) Luiz Zornetta - Tio paterno, desencarnado em 15.10.49.
- 2) Data da recepção da mensagem anterior.
- 3) Michele - Filha de Maria Benedita Claudino, nascida em 20.06.85.
- 4) Hermínia Maria - Bisavó materna, desencarnada há muitos anos.